Ano VI — Leiria, 13 de Março de 1928 — N.º 66

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA da FÁTIMA

(13 DE FEVEREIRO)

O dia treze de Fevereiro, consagrado pela liturgia da Igreja á comemoração piedosa das sacrosantas chagas do Redentor, levou á futura Lourdes Portuguêsa alguns milhares de devotos peregrinos, atraídos pela grandiosidade e encanto das manifestações religiosas e pela beleza e doçura dum tempo extremamente ameno e quási primaveril.

A's onze horas já formigava no vasto recinto da Cova da Iria uma multidão imensa de fiéis, que se concentravam sobretudo em torno da capela das aparições e da capela das missas.

Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário depois de assistirem á sua missa privativa e de receberem o Pão dos Anjos, foram ocupar os postos de serviço que lhes estavam destinados, entregando-se com a maior dedicação ao exercício da sua tarefa de caridade.

Contínuamente vão chegando novos romeiros, em grande numero.

Os sacerdotes celebram missa, uns após outros, nos três altares da capela nova e os fiéis assistem com devoção edificante e muitos dêles recebem a Sagrada Comunhão.

E, á medida que se aproxima a hora da ultima missa — a missa oficial, a missa dos doentes, — a multidão engrossa considerávelmente, a piedade dos romeiros intensifica-se, o silêncio torna-se mais profundo e o ambiente que as almas respiram parece impregnar-se dum fluido divino e estar cada vez mais saturado de sobrenatural.

* * *

Um dos encantos mais sedutores da mística cidade da Virgem nesta quadra do ano, a mais tranquila e a mais propícia ao recolhimento e á devoção, é a série ininterrupta e interminável de episódios e scenas comoventíssimas, que se desenrolam junto dos santuários e que traduzem muitas vezes grandes dramas íntimos, nem sempre fáceis de perscrutar.

E' um dêsses episódios, é uma dessas scenas que vamos agora descrever a largos traços.

Duas senhoras, que tudo indica serem estranjeiras, uma muito nova, não tendo ainda talvez ultrapassado os vinte anos, a outra com mais do dôbro daquela idade, aparentando ser a mãe, chegam pouco antes do meio-dia, ao recinto sagrado e ajoelham-se sôbre a terra nua, próximo do pavilhão dos doentes.

Por muito tempo se conservam em longa e fervorosa oração, de olhos fitos no altar do Santíssimo Sacramento, como que enlevadas em éxtase e alheadas de tudo quanto se passa em volta delas.

Depois assistem á penultima missa e abeiram-se da mesa eucarística com visíveis demonstrações duma profunda piedade.

Algumas horas mais tarde um conhecido titular do sul do país narra a história edificante daquelas duas almas, com as quais a Providência nessa manhã o puzera inesperadamente em contacto.

D. António Augusto de Castro Meyreles
Venerando Bispo de Angra que no dia 13 de Fevereiro p. p. celebrou a missa dos enfermos, prégando em seguida

Eram realmente mãe e filha e de nacionalidade espanhola.

A mãe, depois de ter estado algum tempo em Cuba e nas Canárias, foi com seus pais para a ilha da Madeira, onde casou com um funcionário português. Dêste consórcio nasceram três filhas e um filho. As duas mais velhas, chamadas por Deus a serví-lo no estado religioso, seguiram a sua vocação, com aprazimento da mãe, senhora duma piedade esclarecida, e sem oposição do pai que, a-pesar-de não ser católico praticante, compreendia que o seu dever era não só não pôr embargos, senão antes promover e facilitar a felicidade das filhas.

Passados alguns anos, a mais nova ouve igualmente no íntimo da sua alma crente e piedosa o chamamento divino.

Persuadida da realidade da sua vocação, que lhe prepara na terra um paraíso, cujas delícias o mundo ignaro e corrupto é incapaz de compreender, comunica á mãe o que se passa e suplica-lhe que anua á sua entrada numa casa religiosa. A boa senhora, considerando que ela e o marido, na idade em que se encontram, não podem prescindir do amparo da filha e convencida de que Deus não exigiria dêles um sacrifício tão doloroso, recusa-se a dar o seu consentimento. Logo em seguida a filha adoece com uma indisposição de estômago que aumenta cada vez mais, impossibilitando-a de ingerir alimentos sólidos e produzindo no seu organismo, até então sádio e robusto, um grande emagrecimento e uma fraqueza extrema.

Durava êste estado de doença havia já dois anos quando de repente se agrava imenso e a pobre menina é considerada irremediávelmente perdida. A mãe, consternada em extremo, cai então em si e, longe de se opôr por mais tempo a que a filha obedeça á sua vocação, principia uma novena a Nossa Senhora de Fátima, pedindo a cura dela, prometendo, se fôsse atendida, submeter-se de bom grado ao sacrifício que Deus exige do seu amor maternal, reprimir as lágrimas e acompanhar a filha ao Convento do Sagrado Coração de Madrid, onde ela desejava fazer o seu noviciado e professar.

Quando terminou a novena, a piedosa donzela estava completamente curada.

Tendo chegado na véspera a Lisboa pelo paquete Lourenço Marques, resolveram seguir no dia imediato para Fátima no comboio que parte do Rocio ás seis horas e cinco minutos da manhã, tirando bilhete de ida e volta para a estação de Torres Novas. Como, ao chegarem áquela estação, não encontrassem nenhum veículo que as conduzisse á vila, continuaram por conselho do revisor a viagem no mesmo comboio, no intuito de desembarcar em Chão de Maçãs e alugar um carro, que as transportasse a Fátima. Na estação do

Entroncamento o titular acima indicado, sabendo do embaraço em que essas duas senhoras se achavam, põe á disposição delas o seu automovel e duas horas depois estavam na Cova da Iria a tempo de assistirem ás solenidades oficiais.

Antes do embarque no porto do Funchal, ao despedirem-se duma comunidade de religiosas das suas relações, a superiora tinha-lhes dito: «Rezarei e farei rezar tôda a comunidade ao arcanjo S. Rafael, para que êle as acompanhe durante tôda a viagem e dum modo especial na peregrinação a Fátima».

* * *

A's primeiras horas da manhã, muito antes da chegada do grosso da peregrinação, tinha-se realisado na capela das aparições uma cerimónia singela e vulgar, mas encantadora pelo espírito que animou os seus protagonistas a escolher aquele local para a sua realisação.

Dois paroquianos da freguesia de Belêm, Lisboa, José Rodrigues Lopes e D. Maria do Espírito Santo Lamas Moreira, ambos muito devotos de Nossa Senhora de Fátima, depois de obterem as necessárias licenças da autoridade eclesiástica, tendo corrido o respectivo processo os devidos trâmites, celebraram o seu enlace conjugal aos pés da Imagem de Maria, no santuário da sua predilecção.

Foi o zeloso Reitor do Santuário da Fátima, rev. P.e Manuel de Sousa por delegação do Rev. Pároco, quem presidiu ao casamento, celebrou a missa, a que os noivos comungaram, e lançou a bênção nupcial.

A Virgem bemdita, que outrora nas bodas de Caná da Galiléa usou de tanta bondade para com os dois esposos enleados por causa da falta de vinho para o banquete de nupcias que solicitou e obteve de seu Divino Filho o primeiro milagre — a conversão da água em vinho, decerto volveu um olhar de predilecção para êsses piedosos noivos, unidos indissoluvélmente pelo vínculo do sacramento do matrimónio na estância sagrada de Fátima, dando-lhes, com o mais doce sorriso maternal, a sua bênção preciosíssima, penhor seguro da abundância das graças celestes.

* * *

Uma hora antes do meio-dia, o Posto das verificações médicas está quási deserto. Os doentes, que se apresentaram a pedir a senha de ingresso no respectivo Pavilhão, foram também desta vez pouco numerosos. O livro de registo contêm apenas algumas dezenas de nomes. O director do Posto, dr. Pereira Gens suspende os trabalhos do seu gabinete e vai assistir á missa dos doentes, pronto a acudir com o seu serviço clínico sempre que êle seja necessário.

Próximo do Posto médico, um numeroso grupo de meninas que envergam o seu simples e elegante uniforme de colegiais, atrai a atenção de tôdas as pessoas que passam. São algumas do próspero e acreditado Patronato de Leiria, fundado ha poucos anos por iniciativa do venerando Prelado, a quem o distrito de Leiria deve a existência daquêle modelar estabelecimento de educação e ensino. Acompanham as alunas a sua ilustre directora e várias professoras. Algumas das mestras e das alunas envergam batas brancas, que denunciam a sua qualidade de servas de Nossa Senhora do Rosário. As mais pequenas, alegres, gárrulas e buliçosas, não ocultam a sua alegria pelo feriado extraordinário que a peregrinação a Fátima lhes proporcionou nêsse dia e pela ventura de passar algumas horas naquele local abençoado, aonde todas elas, no fervor da sua piedade, foram pedir á Gloriosa Raínha das Virgens uma benção carinhosa e o favor da sua protecção maternal.

Entretanto, junto do padrão comemorativo das aparições e dos sucessos maravilhosos, ocorre, aliás sem consequências desagradáveis, um pequeno incidente, a que a prudência e energia dalguns servitas imediatamente põe termo. Um homem do povo, que tinha feito a promessa de dar algumas voltas de joelhos á capela, teima em cumprir a sua promessa pela parte interior, o que não é permitido. Na sua religiosidade pouco ilustrada, supõe que a sua promessa só assim ficará cabalmente cumprida e exalta-se com a oposição formal que encontra á efectivação do seu desejo, atribuindo-a a um mero capricho do encarregado do serviço. Por fim vencido, mas não convencido, retira-se mal humorado, terminando assim o desagradável incidente, impossível de evitar.

No pavilhão dos doentes, uma mulher de meia idade, que já ha anos tinha sofrido de alienação mental, é presa dum violento ataque de nervos, acompanhado de gritos e choro convulso. O dr. Pereira Gens, que logo acode, procura acalmá-la, o que só consegue, fazendo-a recolher ao Posto das verificações médicas.

Um distinto médico do concelho de Santarêm assiste entre a multidão ao desenrolar das scenas dêste dia, estudando o fenómeno maravilhoso de Fátima nos pequenos nadas aparentes que em grande parte o constituem. Com o seu espírito profundamente observador examina o que se passa e formula desapaixonadamente os seus juizos. Fátima, com as suas imponentes manifestações de Fé e piedade, com a devoção singela e encantadora da grande maioria dos seus peregrinos, com as curas estupendas e humanamente inexplicáveis de numerosas vítimas de tantas misérias físicas, com os prodígios ainda mais assombrosos e quási sempre ocultos de verdadeiras ressurreições morais, é para aquele ilustre clínico um facto que se impõe á atenção e ao exame consciêncioso de todos os espíritos despidos de preconceitos sectários e ansiosos por conhecer a verdade ,onde quer que ela se encontre.

* * *

Ao meio-dia solar, depois da procissão solene da Imagem de Nossa Senhora do Rosário, sobe ao altar-mor da capela nova sua ex.cia rev.ma o Sr. D. António Augusto de Castro Meireles, venerando Bispo de Angra, que celebra a missa dos enfermos. O ilustre Prelado diocesano o ex.mo senhor D. José Alves Correia da Silva, que tencionava acompanhar a Fátima o seu colega no episcopado, ficou retido em Leiria com um forte ataque de reumatismo.

Durante a missa rezou-se o terço em comum, cantaram-se canticos piedosos e distribuiu-se a Sagrada Comunhão.

Após a missa, realisou-se, na forma do costume, a cerimónia, sempre nova e sempre bela, da benção com o Santíssimo Sacramento aos enfermos.

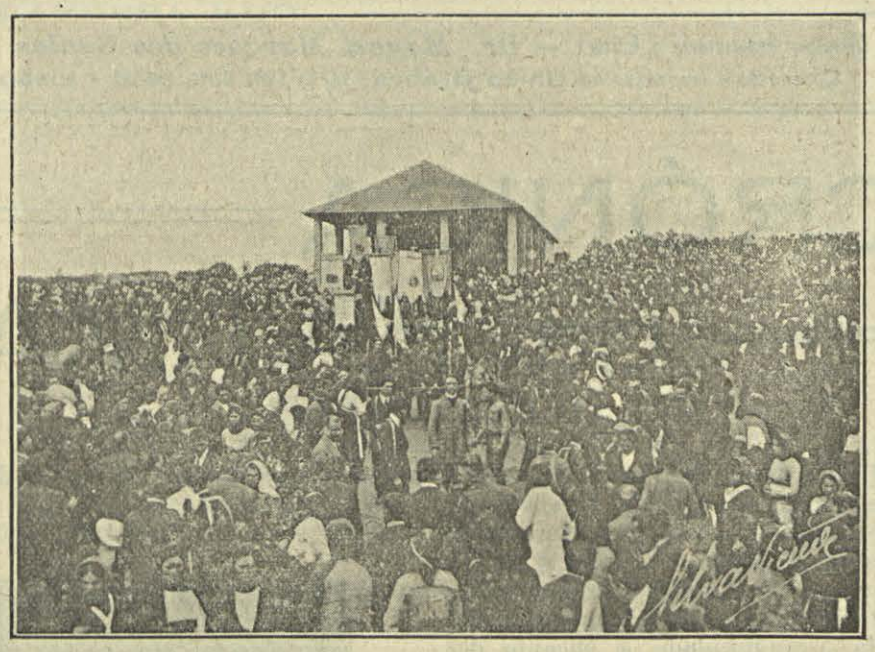
Levava a custódia o senhor Bispo de Angra e segurava a umbela o senhor Barão de Alvaiázere.

Terminada a bênção dos doentes, cantou-se o *Tantum-ergo*, deu-se a bênção geral e subiu ao pulpito o augusto celebrante da missa, que prégou um eloquente sermão, arrancando lágrimas de muitos olhos.

Por fim organisou-se de novo o cortejo afim de reconduzir a Imagem da Virgem para a capela das aparições, onde ficou exposta á veneração dos fiéis.

Começa então o éxodo dos romeiros. Enquanto o astro-rei desce no horizonte distante por entre nuvens côr de sangue, a multidão vai debandando pouco a pouco, até que, ao pôr do sol, apenas alguns raros peregrinos fazem ainda as suas ultimas despedidas á Virgem, presos no doce enleio daquela estancia divina, perfumada pelas orações das almas crentes e ungida com as graças e as bênçãos do Céu.

Visconde de Montelo



MAIO DE 1927 = A volta da Procissão

Confraria de N. Senhora do Rosário da Fátima

Segundo o art.° 6.° dos Estatutos da Confraria de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, o Senhor Bispo de Leiria nomeou a seguinte Direcção:

Presidente

Dr. Manuel Marques dos Santos.

Tesoureiro

Rev.do Manuel de Souza.

Secretário

Rev.do Manuel Pereira da Silva.

A correspondencia relativa á Confraria deve ser dirigida ao Rev.do Manuel de Souza— Fátima (Ourém) ou ao Rev.do Manuel Pereira da Silva — Seminário-Leiria.

Advertência aos Assinantes

Sendo a assignatura da *Voz da Fátima* de uma natureza muito especial não mandamos fazer a cobrança (o minimo de 10$00 por ano) pelo correio, devendo cada um enviar esta quantia directamente em carta registada ou *vale*.

Também não costumamos mandar recibo, publicando no entanto, posto que com muito atrazo (cerca de dez mezes) a quantia enviada.

Cremos que todos, impelidos pelo amor a N. Senhora, quererão cooperar conosco na difusão do jornalzinho de que se tem distribuido *gratuitamente*, mesmo nestes mezes de menor movimento para cima de 30:000 por mez.

Uma conversão curiosa

O P. Luiz Lalande, referindo-se aos trabalhos apostolicos do Canadá, narra, entre outros, um caso que se presta a uteis observações morais.

Era um rico industrial, mas, ao mesmo tempo, pobre marido, que jámais reconhecera seus defeitos. Já se vê quantas desavenças, impaciencias e tristezas havia em casa, embora não chegasse ao desquite.

Fez, como outros muitos, exercicios espirituais de S.to Inacio.

Dessa piedosa prática, já dizia S. Francisco de Sales, tinham resultado mais conversões que as letras do tão precioso livro dos exercicios. Desde esse dia mudou a casa de aspecto. Vai tudo bem, como um bom relogio, sem sombras nem disturbios. Em certa ocasião disse o nosso homem ao padre Lalande:

—«Muitas vezes tem o senhor falado em conversões pelos exercicios, mas jámais teve um caso tão maravilhoso como o meu.

Como assim?

—E' mais extraordinário, mais milagroso que todos os de mais. E pode o senhor fazer dele o uso que quizer.

—Primeiro, é mister conhecel-o.

—Pois bem. Quem fez o retiro fui eu e, imagine e pasme o senhor, quem se converteu foi... minha mulher! Desde esse dia tudo anda em casa com *doçura!*

O excelente homem não se apercebia de que, uma vez emendado ele, terminaram os dissabores que inquietavam a esposa; esta, não tendo mais razões para *impaciencias*, não soltava mais, de vez em quando, certas palavras amargas.

Emendemo-nos e, facilmente acreditaremos como o industrial que os demais se corrigiram... e viveremos todos em paz.

Mandai operarios!...

Acabara apenas de celebrar.

Como de costume á sua missa de semana e ao Domingo assistiram apenas uma meia duzia de pessôas.

Era uma desolação aquela terra, aquela gente!

Queria falar-lhes, queria convertê-los mas eles... não vinham.

E o pobre P.e João Gonçalves educado á antiga sem saber que, muitas vezes, é necessário ir á caça dos paroquianos, ia-se deixando ficar, cada vez mais lamuriento e mais inoperoso.

Convidava-o a isso a educação que recebera, o ambiente em que vivia, o indiferentismo dos que o cercavam e até a monotonia tristonha das paisagens da sua freguezia.

Naquela terra espiritualmente, semelhante a um grande *restolho* — nem uma iniciativa, nem uma dedicação nem uma bôa vontade — estava só. — A' volta dele passara uma foice implacável e sobre ela uma calma ardente a estiolar e requeimar até ás raizes qualquer principiosito de bem, apenas viesse a sair da terra.

Que admirava pois que a sua alma fosse também assim — Triste, monotona e arida como um «monte» no pino do verão?

Mas, coitado, apezar de tudo na sua alma havia ainda um pouco de vida semelhante á vida duma semente — bastava um pouco de calor para germinar e florescer e frutificar.

* * *

Naquele dia não tinham vindo exactamente as mesmas pessoas dos outros dias.

A um lado, muito concertado estava um rapazito.

Tez morena, tiznada do sol, aspecto de zagal.

No fim da Missa entrou na sacristia, aproximou-se do P.e João como quem lhe queria alguma coisa.

— Que me queres tu?

— Queria-me confessar...

— Pois!

Parecia-lhe estranho realmente aquele desejo. Pois se ele nem pela Quaresma tinha confissões!

Pois se os seus paroquianos já não queriam o Padre senão para festas e enterros! Pois se eles nem tão pouco sabiam o que era e para que era a Missa...

Parecia-lhe por isso um sonho tudo aquilo e como que a sonhar naquele — «pois» — foi respondendo:

— Então vamos lá.

E assentou-se para ouvir a confissão.

Mas o pobre rapaz não sabia nada nem de confissão, nem de doutrina nem de nada.

Ouvira falar de confissão e queria confessar-se também.

Mais nada.

O Padre foi-o dispondo como pôde. Recomendou-lhe que estudasse muita doutrina e que viesse a casa dele em certos dias para ele lh'a ir ensinando.

E assim foi.

O rapaz sabia ler. Levou um catecismosito e emquanto os outros brincavam, durante o dia, o Martinho retirava-se á sombra duma azinheira ou atraz dum *chaparro* e estudava mais um ponto de doutrina.

De quando em quando levantava-se a ver como ia o gado e, se tudo ia bem, sentava-se de novo no seu estudo.

Quando o gado se lhe afastava muito ia correndo e junto do rebanho parava de novo a estudar.

* * *

Depois de estudar a doutrina confessou-se então a valer e comungou ou «*agarrou o nosso Pai*», como se diz na terra dele.

Ficou radiante mas a sua alma inocente e profundamente bôa não estava satisfeita.

Um dia foi ter com o P.e João e pediu-lhe que lhe arranjasse uma casa bôa onde ele trabalhasse e se pudesse entregar ao estudo da religião. «Que se tinha apaixonado por aquelas coisas e queria conhece-las melhor».

Encontrou-se casa afinal e o Martinho foi e ficou muito contente e estudou muito.

Cada vez era melhor.

E por isso mesmo é que não estava satisfeito.

Queria dar mais a Nosso Senhor que tanto lhe tinha já dado e por isso pedia mais: pediu licença para se Lhe dar todo pela Ordenação Sacerdotal.

As dificuldades procedentes da sua idade sobretudo, aplanaram-se e o Martinho entrou no Seminário. Foi um dos dias mais felizes da sua vida o da entrada no Seminário.

Se havia ali rapaz obediente, serviçal, e humilde era o Martinho. Havia-os mais inteligentes, talvez tão piedosos como ele mas mais do que ele é que não.

Era um prazer tratar com ele nas aulas, nos recreios, em toda a parte.

Os Superiores estimavam-no; os companheiros amavam-no porque reconheciam nele alguma coisa de virtude mais alta do que em si próprios.

* * *

Acabaram finalmente os anos de preparação no Seminário.

O Martinho era já o P.e Martinho. E ao levantar-se do pavimento, apoz a funcção religiosa da ordenação quando a sua alma se elevava até Deus pedindo-lhe alguma coisa, como sacerdote, o P.e Martinho que da sua terra, perdida nas campinas Alemtejanas atravessara leguas e leguas de seáras louras inclinando-se agradecidas para a terra, fez uma pequena oração pela gente da sua terra.

«*Oh Senhor o restolho requeimado e morto já foi trigo lindo como o das searas que agora doiram as nossas campinas e torna-lo-ha a ser quando a mão do homem ajudada pela Vossa graça voltar de novo a cultivar a terra.*

... ...

O restolho tristonho e aparentemente inerte de tantas almas, de quasi todas as almas destas terras, é assim também.

Passou a foice, Senhor, sobreveiu a séca. Mas a vida está lá. Mandai obreiros, muitos, obreiros para o vosso campo onde agora vou trabalhar pelo Vosso Nome e por Vosso Amor.

E dentro em pouco, oh Divino Mestre, pelo esforço dos vossos obreiros e pela fecundação da vossa graça ha-de reverdecer, florir e fructificar o restolho arido das almas alemtejanas como as nossas campinas em amena primavera.

Mandai obreiros Senhor».

* * *

E aquele homem de zagal de ovelhas feito zagal de almas veio mostrar ao P.e João que mesmo no meio do restolho por vezes florescem lirios de incomparável beleza.

... ...

A messe é grande — os operarios poucos.

Almas piedosas, a quem é dado pela oração e pelo sacrificio dobrar o braço da Justiça Divina, implorai do Senhor que afaste de nós o tremendo castigo da falta de clero — castigo bem merecido por tantos pecados, tantas infidelidades, tantas incorrespondencias. Despertai vocações, — auxiliai-as e auxiliai os Seminários que na sua totalidade vivem de esmolas — esmolas de orações e esmolas materiais.

Mães cristãs, pedi muito a Deus nas orações da família que mande bons padres á Sua Igreja, sobretudo em Portugal, e nas vossas orações particulares pedi ardentemente ao Senhor que Se digne escolher para Si, pela vocação ao Sacerdócio, algum dos fructos das vossas entranhas e considerai como o dia mais feliz de vossa vida aquele em que virdes o vosso filho subir os degraus do altar a imolar a Victima Sacrosanta.

O argumento d'um britador de pedra

Uma creança estava sentada junto d'um britador de pedra:

— Senhor João, diz ele olhando para o operário, para que é essa medalha que traz ao pescoço?

— Para que Deus tenha piedade de mim, meu petiz.

— Mas o meu pae diz que não ha Deus.

— Ah! Então (diz o britador agarrando um calhau e entregando-o ao pequeno) leva esta pedra a teu pae e dize-lhe que faça uma como esta.

AS CURAS DA FATIMA

Emilia de Almeida Pinto de Pescancêco, Pampilhosa da Serra, cumprindo um dever de gratidão para com Nossa Senhora do Rosário da Fátima, venho respeitosamente pedir a S. Ex.ª Rev.ª a fineza da publicação das seguintes graças que recebi de Nossa Senhora:

Tive uma tuberculose chegando a não poder fazer nada. Já quási não podia andar de pé. No principio estive em Lisboa como criada em casa da Ex.ma Senhora D. Teresa Ovar. Fui consultar algumas vezes o distinto médico Dr. Vasconcelos, receitando-me vários remédios que tomei mas sem resultado. Cheguei a ter talher e todas as coisas do uso afastadas e como já não pudesse trabalhar vim para a minha terra piorando sempre. Ninguem já pensava em eu melhorar. No fim de muito sofrer resolvi ir a Fátima em Maio de 1926 mas como estava muito fraca nem sei como tive coragem para sair de minha casa.

No caminho, como nos faltasse o carro que nos devia transportar á estação do caminho de ferro da Lousã, os meus companheiros de viagem resolveram ir a pé.

Numa pequena subida tive um ataque de tosse e uma tão grande aflição que julguei ficar ali. Nesta ocasião pedi muito a Nossa Senhora e prometi, se conseguisse ir, de dar uma pequena esmola a Nossa Senhora. O que então se passou em mim nem o sei explicar. Foi como quem me tirou um pêso que me oprimia o corpo todo. Consegui ir já sem custo para minha casa e já voltei em maio ultimo indo todo o caminho a pé. Hoje, graças a Nossa Senhora, trabalho no campo e nunca mais senti as dôres que sentia nos pulmões julgando-me completamente curada».

«**Uma Irmã da Congregação das Terceiras Dominicanas Portuguesas,** residindo em Salamanca, Espanha, estando, havia dias, com uma febre teimosa que dava cuidado, porque a ia debilitando, resolveram as Irmãs fazer uma Novena a N.ª Senhora do Rosário da Fátima e que a doente beberia durante os 9 dias da agua milagrosa da Fátima, sendo ao mesmo tempo resolvido mandar publicar a graça obtida na Voz de Fátima. Passado apenas o primeiro dia da Novena, a febre desapareceu logo para não tornar a aparecer, e a Irmã doente achou-se bem em poucos dias.

Mais uma vez damos mil graças á nossa Mãe do Céu, á Virgem do Rosário da Fátima»!

P.e José Carlos Alves Vieira, de Vieira do Minho, escreveu em 12 de Dezembro de 1927:

«Sou devedor á Virgem de Fátima de assinaladas graças na ôrdem espiritual e temporal. Mas de uma sobretudo quero falar.

Ha tempos achava-me excessivamente preocupado com umas dores que os medicos diziam sem importancia, mas que me faziam sofrer imenso, tirando-me o sono e resistindo a todas as panaceias e remédios por eles indicados. Numa das noites em que mais apoquentado me encontrava, dirigi-me com fervor á Virgem de Fátima e logo as dôres abrandaram, desaparecendo de todo poucos dias depois.

Singular prodígio operou tambem em meu favor a Virgem, ha coisa de 15 ou 16 dias. Estava de passagem em Lisboa e certa noite, quási de repente, sobreveiu-me no pé esquerdo uma dôr tão intensa e aguda, que logo fiquei tolhido, custando-me imenso a andar com aquele pé, e mancando sem querer. Foi preciso que a bondosa senhora, em cuja casa me hospedara, me levasse de automóvel, aliás nem sei se chegaria a casa nem como chegaria.

Uma vez em casa comi alguma coisa, o que deu em resultado agravar-se a dôr e eu ficar com febre. Lembraram-se então de me fazer chegar o pé para uma lampada electrica de grande potencia; no meu desespero, e julgando sarar, cheguei o pé demasiado para a energia e aí o demorei. Imagine-se o meu susto quando, depois de me arrastar a custo até ao meu quarto, julgando que ia ficar paralitico, verifiquei que o pé estava enormemente inchado e com uma vermelhidão inquietante. Ardia em febre; e o pé, que de principio só me doia por cima, agora começou a doer por baixo e por cima; tinha a impressão de que me tinham saído os ossos; qualquer movimento me fazia soltar gritos de dôr; não podia poisar os pés no chão sem logo sentir uma dôr inenarravel.

De nada valeram umas fricções dadas pelo enfermeiro da casa; as dôres recrudesciam a cada instante, não me dando momento de socego.

Foi neste desespero que eu, depois embrulhando o pé numa toalha com agua fria, me encomendei confiadamente á Virgem de Fátima.

Pouco depois adormecia tranquilo e de manhã acordei sem a menor dor nem inchação, e nunca mais, já lá vão 20 dias — senti nada naquele pé.

A agua só por si era incapaz de operar aquela mudança, e eu por isso tenho para mim que foi um verdadeiro favor (a minha devoção queria-lhe dar outro nome) de Nossa Senhora de Fátima.

Tambem entreguei á mesma Senhora a cura de outra doença mais pertinaz, que me aflige ha meses, e tenho fé que serei ouvido, embora o não mereça por meus muitos pecados».

Maria Rita Ramalho, de Vaiamonte, Monforte, Alentejo, escreve com data de 28 de outubro ultimo:

«Cheia de reconhecimento e gratidão para com a Virgem Mãe Santissima N. S. do Rosario de Fátima venho para sua gloria e cumprimento da minha promessa, tornar bem publica a cura d'uma terrivel doença de que ha muitos anos sofria.

Anos e anos decorreram, sem que qualquer dos medicos, e tantos foram, a quem consultei, encontrasse meio de me curar, apezar de tanto trabalharem para esse fim.

Baldados todos os esforços, pois de dia para dia mais se agravavam os meus padecimentos.

O meu medico assistente, cansado de trabalhar, sem resultado, declarou-me que tinha de sujeitar-me a uma operação, visto ter descoberto em mim um tumôr nos intestinos, e que, só pela sua extracção eu poderia curar-me.

Senti-me desfalecer com esta triste noticia, e vi nêste tratamento, não a minha cura, mas sim o meu desaparecimento deste mundo, a quem me prendiam o meu adorado esposo e tres inocentes filhinhos.

Mas que fazer nesta triste situação?

Parti com o coração esfacelado, por ter de separar-me dos meus queridos e inocentes filhinhos de quem me despedi considerando-os já orfãos.

A minha dôr, só poderá avaliá-la quem fôr mãe.

Acompanhou-me nesta triste romagem, até Coimbra, o meu querido esposo, uma filhinha de 14 anos, uma irmã muito querida e o marido desta.

A viagem foi triste como todas que tem coração, bem podem avaliar. Separar-me de dois inocentes filhinhos, dos mais velhinhos pois, de tantas pessoas amigas que me acompanharam até á hora da saida, e lembrar-me de que talvez os não tornasse a ver... que tristeza!!!

De todos me despedi com lagrimas, e a todos pedi que não me esquecessem nas suas orações.

Levei na minha companhia e bem junto ao coração a Imagem Santa da Virgem Nossa Senhora do Rosario de Fátima de quem sou uma das mais humildes devotas. Com tanta Fé implorei a Divina protecção da Santissima Virgem, que ao chegar a Coimbra me senti com mais forças e coragem para resistir aos tormentos que me estavam reservados.

Ao entrar no Hospital, senti redobrarem-me as forças ao saber que tinha a felicidade de ser operada pelo distinto operador, o Ex.mo Snr. Dr. Bissaia Barreto, que me tratou com tantos cuidados e atenções, só proprias duma alma tão bem formada, como é a de S. Ex.ª o Snr. Dr. Bissaia Barreto.

O meu reconhecimento, de meu marido e filhos para com o Ex.mo Snr. Dr. Bissaia Barreto, será eterno.

O meu tratamento levou tempo, porque tendo corrido bem a operação, sobrevieram algumas complicações, devidas, talvez, ao estado de fraqueza a que tinha chegado durante tanto tempo de sofrimento.

Não havia meio de conservar qualquer alimento no estômago, tudo vomitava, nada me apetecia e só tinha ancias insuportaveis. Sofria horrivelmente.

Mas a fé em Deus e na Virgem Senhora do Rosário de Fátima não me abandonou um instante.

Um dia, um pouco desanimada, pedi uma gôta de agua para humedecer os lábios tão resequidos pela febre, mas

esse desejo não poude ser satisfeito porque o médico tinha proibido que eu bebesse agua.

Que aflições sofri!

Minha irmã, vendo-me tão mal e tão aflita correu junto duma Snr.ª nossa amiga e pediu-lhe agua de N. Senhora de Lourdes ou de Nossa Senhora de Fátima. Como tivesse das duas minha irmã preferiu a de Fátima e a ocultas de todos deu-me um copinho daquela agua Santa.

Senti-me muito mal, mas decorrido pouco tempo tomei outro copinho daquela agua Sagrada e o meu estômago aquietou imediatamente. A' noite tomei duas colheres de leite que me ficaram bem no estômago, e continuei a alimentar-me sem mais ancias nem mais tormentos.

De hora para hora me sentia melhor e sempre bem disposta. Em pouco tempo tive alta e saia do Hospital cheia cada vez mais, de fé na V. Santissima Senhora do Rosário de Fátima e vi em tudo isto, mais um milagre da Poderosissima Rainha dos Céus.

Nas minhas préces, como no cumprimento das minhas promessas acompanharam-me os entes mais queridos: meu marido e os meus tres filhinhos.

Assim, no dia 13 de Setembro estivemos todos em Fátima, na Cova da Iria, e prostrados aos pés da Rainha dos Céus, Virgem N. S. do Rosário, ali comungamos, oramos, e dirigimos os nossos agradecimentos á nossa Divina Mãe e Proctetora.

Novamente imploramos da Virgem Santissima, que nos acompanhasse em todos os transes da vida, e nos alcançasse a gloria no Céu.

Estou completamente curada, e por isso é justissimo que proclame bem alto o poder da Virgem Mãe Santissima Senhora do Rosário de Fátima, onde todos se deviam dirigir, crentes e descrentes, porque ali ha muito que vêr e aprender.

Graças e mil graças sejam dadas á Santissima Virgem N. S. do Rosário que tanto honra a Patria portugueza.

Confessa-se eternamente grata a mais humilde devota de N. S. do Rosário de Fátima — »

Uma senhora muito devota de Nossa Senhora de Fátima, em carta de 1 de outubro de 1927, escreve:

«Agora vou contar-lhe uma graça que Nossa Senhora fez, se achar que é digna de ser publicada na *Voz de Fátima* para honra e glória de Nossa Senhora.

Peço pois a fineza de a publicar. Mas o que eu peço é para não pôr a minha assinatura, porque Nossa Senhora sabe quem lhe agradece. Nem é preciso. Quando foi do peixeiro recebi varias cartas até de muito longe, e vinham aqui doentes a casa, e eu não me sentia bem porque não lhes podia valer. E como só quero ser de Deus receio que o demónio me tente com algum pensamento de vaidade (que horror me faz, só de me lembrar!) Mas espero, da minha Mãe carinhosa que me fará humilde, para que eu não ofenda o meu Deus que tanto amo! Vindo eu ha aproximadamente um mês a saír duma capela aqui em Lisboa, uma Senhora me pediu para eu pedir muito a Nossa Senhora por uma coisa muito dificil de resolver. Não havia mesmo esperanças nenhumas. Estava completamente perdida. Só Nossa Querida Mãe do Céu podia valer. Eu voltei á Capela e pedi a Nossa Senhora e ao Santíssimo Sacramento! E fui sempre pedindo. Agora no dia 12 deste mês, dia em que eu fazia anos, eu pedi assim:

«Minha Mãe querida do Céu! Peço-Vos que todos hoje, todos, me esqueçam e só Vós vos lembreis de mim com uma prenda, que é o despacho do pedido que eu vos ando a fazer!

Pois logo a seguir ao dia veio a noticia de tudo estar resolvido! Quem poderá agora esquecer esta prenda de anos? E esta mãe carinhosa? Oh! não! Não é possivel! Eu não explico o caso porque não tenho autorização para isso.

Gertrudes de Jesus, do Casal do Guerra (Turquel) andou durante oito meses queixando-se de falta de ar, fraqueza e pontadas no peito, sem que o Sr. Dr. Sabino, de Rio Maior, apesar de sua boa vontade, e conhecimentos clinicos; pudesse atalhar o mal. Até que entendeu avisar seu marido que se acautelasse porque podia dar em tuberculose.

Com receio de contagio, em breve foi despresada pela família, vindo um dia ter a casa de sua irmã Julia, nos Moinhos de Turquel, chorando e lastimando a sua sorte, pedindo-lhe que, como irmã, a deixasse morrer em sua casa e que recebêsse depois da sua morte seus dois filhos pequeninos. Recorri ao Sr. Dr. António de Sousa Neves de Alcobaça, que, depois d'uma observação minuciosa, disse que deviamos ter ido ha mais tempo. Tomou alguns remedios sem resultado. Preparava-se para morrer, mas restava-lhe uma esperança, a da Fé. Recorreram á Nossa Senhora do Rosário da Fátima e como remédio empregavam a sua água. E logo que o fizeram, começou a sentir melhoras, a ter apetite a não sentir dores nem falta de ar. Voltou para sua caza e já la vai um ano que trata da lida da sua casa, que tem saude e bom apetite. Hoje (12 de setembro 1927) vamos a Fátima cumprir as nossas promessas e agradecer á Virgem a cura».

José Dias Vieira, de Vargos (Torres Novas), em carta de 25 de setembro, escreve:

«Venho mui respeitosamente pedir a v.ª rv.ª se digne publicar no dito jornalzinho as seguintes graças recebidas por intercessão da Virgem Santíssima N. S. do Rosário da Fátima como prometi caso obtivesse melhoras. Em Junho de 1920 devido aos estragos de uma pleurezia com que venho lutando ha 7 anos estive em perigo de vida. Recorri á Virgem Santíssima N. S. do Rosário da Fátima, tendo tomado água da Fonte milagrosa, e minha mulher, cheia de fé, poz-me pápas feitas com a terra do local das aparições e, caso extraordinário, no dia seguinte veio o medico, que ficou espantado! Que mudança! O' minha Snr.ª o que foi que fez a seu marido? E como não conhecia o seu modo de pensar, disse-lhe: fiz o que v.ª ex.ª mandou. Nada! Aqui houve, fosse o que fosse. Seu marido está salvo. Melhor, muito melhor. Deu-se isto em Lisbôa, habitando nós na Rua Marcos Portugal 73-1.º D. e hoje residimos em Vargos, Freguezia do Paço, Torres Novas.

Muito grato lhe fico pela publicação destas linhas».

Mais e uma grande graça obteve minha mulher Benilde de Jesus Vieira, que sofria de grandes dores em um joelho que não podia ajoelhar nem que a roupa lhe tocasse e com o calor da cama era pior.

Em Outubro de 1925 na vespera do dia 13, ás 11 horas da noite na ocasião em que passavam as peregrinações para Fatima, minha mulher ajoelhou no portal voltado para a Serra e pedio á Virgem N. S. da Fátima em união com todas as peregrinações que á hora passavam a caminho da Fátima, lhe valesse e, sem dar por tal foi para a cama e só no dia seguinte quando começou a sua vida é que conheceu que estava completamente curada.

OUTRAS GRAÇAS

José Pereira Novo, da Torre (Reguengo do Fetal) o ter escapado a uma infecção que se temia por causa d'um golpe profundo.

Maria Joaquina Martins de Viana do Alemtejo, de 30 anos, que (diz a mesma): «para viver precisava trabalhar e por isso chorava noite e dia pela sua saude, hoje sente-se feliz, radiante de alegria por se encontrar melhor» tomou a água de N. Senhora da Fátima.

Isabel dos Santos Gomes, residente em Lisboa. Vindo cumprir com um dever sagrado agradecer á Virgem Santíssima N. Senhora do Rosário de Fátima, por sua intercessão, ter-lhe concedido a graça de melhorar de uma doença que teve na vista.

D. Maria Augusta da Gama de Avanca agradece duas graças, e envia uma esmola.

Alice Rodrigues Leão da Silva, (Avenida da Liberdade, 105-1.º Lisboa) «agradece comovidamente á Mãe Santíssima Nossa Senhora do Rosário de Fátima as grandes graças que lhe tem concedido».

H. A., de Braga «agradece á Santíssima Virgem do Rosário de Fátima a graça de lhe valer numa grande aflição».

Ernestina Arruda, de Torres Novas uma graça obtida.

Maria do Carmo Pires, da Praia da Ajuda, tendo-lhe aparecido, havia dois anos, um abcesso maior que um ovo em um peito, sem aparencia de querer rebentar, ficou muito triste e participando o caso a sua família deixou-a muito aflicta. Todos recorreram a N. Senhora da Fátima e sem recorrerem á medicina, o mal começou a desaparecer.

Rosa Mota Machado (rua de Santa Catarina-333-Porto), uma graça recebida.

Maria do Castelo Ribeiro Teles, de Coruche, uma graça, que prometeu publicar.

Adelina Lopes Cardoso agradece a N. S. da Fátima, a quem recorreu numa doença muito grave, o ter-lhe restituido prontamente a saude e as forças.

Voz da Fátima

DESPEZAS

Transporte	94.739$50
Papel, composição e impressão do n.º 65 (38.500 exemplares):	2.275$45
Sêlos, embalagem, expedição, transportes, gravuras, etc.	636$77
	97.651$77

SUBSCRIÇÃO
(Mês de Maio de 1927)

Contribuiram com dez escudos. Francisca Ferraz, Clemencia C. la Silva Pato, Olivia Ribeiro Martins, Francisco Rodrigues do Couto, Maria da Conceição Ferreira, Augusta Miranda Rodrigues, **Maria Fonseca e Freitas, Antonio Baptista,** João Fernandes Antunes, Virginia Fernandes Falcão, Rosa de Almeida Vieira Lopes, Elisa Graça Zagalo Vieira da Silva, Filipa Falcão **Sousa Vieira da** Silva, Maria Margarida Tenreiro Sarzedas, Angelina da Conceição Martinho (12$58), Maria Rodrigues **Macieira** (15$00), **Maria Carlota Vahia Trigueiros** (20$00), Maria Paula Bentes, Libania Paduano, Lourenço Pereira de Castro (12$50), Manuel Pereira Dias, Maria José Segurado Vieira, Maria José Ferreira Paulino, A. Espinoza, Maria da Conceição dos Reis Duarte, P.e Agostinho de Oliveira Correia (20$00), Maria da Conceição Maldonado Pereira (15$00), Francisca Vasconcelos Santos (15$00), Mavildia de Freitas **Mascarenhas Andrade,** António Alves Pequito, Alice Inês da Rocha (12$50), Aires Gomes, José Gil, Jose Antunes Junior, Efigenia da Costa Pinto, Maria José Cordeiro (20$00», José d'Oliveira, Maria Ludovina Meirelles Aragão, Maria de Jesus Aranha de Mendonça, Emilia de Jesus Oliveira, **Januario Miranda, Silveria da** Conceição Neves (12$50), Maria Joaquina dos Santos, Bemvinda V. da Costa Pato, Rita de Jesus Barbosa e Sá (12$00), Joana de Carvalho Veiga (11$00), Maria da Graça d'Almeida Coelho, Maria Palmira **dos Santos Jorge** (20$00), Maria das Mercês Bianchi Coelho Borges, Maria Tavares, Rosa da Gloria Rebimbas, Gloria de Jesus, Antonio **Fragoso, Ventura José de Campos,** Elvira Augusta Nogueira, Maria Gil Carvalho (40$00), Eduardo de Moura Borges, Maria Tomazia Ferreira, Aida Vieira da Mota (50$00 insulanos) Paroco de Salto (Braga), Corina Abreu, Felicidade da Conceição **Souza, Pompeu** Vidal Portela, José Antonio Bebiano Matos Coelho, Maria do Carmo Sinde, Manuel Simões Parcelas, Justina de Souza Oliveira Pacheco, Manuel Ribau, Rosalina Caçoila Bola, Manuel Fernandes da Silva Lage, **Maria Guilhermina** Fernandes, Joaquina Vieira, Maria José d'Ameida (Almada), **Manuel Maria Duarte** Marques, P.e Antonio de Souza Duarte, Maria Emidia Firmo, Maria de Nazaré Figueiredo e Silva, Augusta Aragão Trigueiros, João Ribeiro, José Mendes Sequeira, Alfredo Augusto da Rocha (12$50), Maria Peloulo Coelho, Dionizia da Conceição Ramiro, Manuel Vellez Tavares Junior. Ana José Roldana, Maria José Ribas Cioga, Antonio da Silva Henriques, Maria Almeida, Francisco Antonio Costa Diniz, Manuel Caetano, Luiz Nunes Afonso, João Duarte Simões Baião, Manuel Pereira dos Reis, Sebastião Rodrigues Correia, Artur Figueiredo, Amelia Santos Pinhal, Antonio Francisco Tristão, Condessa de Cuba, José Braz Maria da Gloria de Almeida Góuveia, Domingos Antonio Martins, **Maria Augusta** Proença, Taphnes Roxanes de Carvalho (20$00), Adelia de Jesus Dias Ramalho, Adelina Fernandes Leitão, (20$ Lino Conceição Torres, **Maria Francisca** Torres d'Avelar Tavares, Irene Rosa, Francisco Ramos, Francisco Alves Tavares, Ana Nobre Costa e Silva, Eduardo Silva Amado, Condessa d'Avilez, Maria das Dôres de Castro, Margarida de Jesus Victorino Costa, Maria Eugenia Ferreira Verissimo, Conde de Campo Belo, Maria Engracia Martins, Alfredo da Fonseca Vaz, Maria da Conceição Borges, Maria do Rosario Casanova, João Mendes Abranches, Vicente Ferreira de Souza, Manuel Viegas Facada, Maria Gertrudes, Maria da Assunção Correia, Emilia de Jesus Bessa, P.e Bernardino de Senna Ribeiro, Ana Guedes, Maria do Rosário Pires, Guilhermina Santos de Souza Carvalho, P.e Joaquim Duarte Alexandre, P.e Antonio Carreira Bonifacio, Olimpia Sequeira Caldeira Canelas.

O bom odôr da AVÉ MARIA

Uma pobre mulher, mas sabendo onde tinha a cabeça, era vista passar, muitas vezes por dia, em uma rua muito afastada do seu trabalho.

«Para que são (lhe disseram) estas caminhadas inuteis?

«Olhai diz ela com simplicidade, ha acolá uma doente que não quer reconciliar-se com Deus é eu vou, tanto quanto posso, lançar-lhe deante da porta algumas *Avé-Marias!* Não sei se penso bem, mas representa-se-me que ha orações que são como gotas de água de cheiro que, lançadas no chão, espalham até ao alto do quarto, o seu bom odôr. Penso que as minhas *Avé-Marias* acabarão por converter esta pobre alma.

Durante dois mêses fiz isto diante de outra casa e o doente que lá estava confessou-se antes de morrer.»

E' uma grande revelação o que se contem nestas palavras; semear orações em volta das almas afim de as embalsamar e de as impedir de fenecerem.

Eu lhe ofereceria o meu coração

Pois bem, meus meninos, ouvistes de certo o que eu vos disse de manhã.

Domingo vamos ter aqui a Adoração do Santíssimo Sacramento. Vejam lá agora se me não trazem flores, verduras e... sobretudo velas.

Vamos lá a vêr: Tu, Clotilde, o que oferecerias a Jesus como preparação para a tua Comunhão?

— Snr. Prior, eu tenho lá ainda cinco mil reis no meu mealheiro e de toda a boa vontade os trago para ajudar a enfeitar o trono.

— Está bem, menina. E tu, Maria?

— Eu hei de trazer as flores do meu jardim para o Santíssimo Sacramento.

— Eu cá, Snr. Prior, exclamou entusiasmada uma traquinasita de nove anos, é segredo...

Há seis meses que eu trabalho para o Divino Prisioneiro do altar, e domingo hão-de ver ao pé da Custódia a prova da minha fé e do meu amor!...

— E tu Suzana, não dizes nada? Eu sei que tu és muito amiguinha de Nosso Senhor.

— Sim, senhor Prior, eu amo-O muito, mas bem sabe a minha situação. Orfã de pai e mãe, fui educada pela caridade de uma tia e portanto não posso dispor do meu tempo nem de minhas economias como as minhas felizes companheiras...

Eu confessaria muito simplesmente a minha pobreza e impotencia ao divino Rei e lhe ofereceria o meu coração, visto que lhe não podia dar mais nada.

O bom sacerdote, ouvindo esta confissão, olhou para o Tabernáculo como se estivesse a vêr a saltar de alegria o Hospede adorável que faz as suas delicias em estar com os filhos dos homens.

UM CASO AUTÉNTICO

Uma senhora tinha um filho que acabava de fazer os exames finais do seu curso.

Estava com muitos desejos de saber o resultado. Estava até impaciente por isso.

Disseram-lhe, para a socegar, que na mesma tarde podia saber o resultado comprando o diário local, que anda sempre muito bem informado e prima em ser o primeiro em dar as notícias.

— Mas êsse diário é mau e eu jurei nunca lhe dar o meu dinheiro.

Não recorrerei a êle.

Estou resolvida a esperar até ámanhã para ser informada por um jornal bom, que me merece tôda a confiança.

Muito bem, minha senhora. Se tôdas as pessoas honestas e católicas procedessem assim, os maus jornais teriam desaparecido e não teríamos que lamentar as desgraças que afligem o nosso querido Portugal.

A má imprensa é uma das mais poderosas armas do demónio.